

O Militante

GES
PCP

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

LUTEMOS INTRANSIGENTEMENTE CONTRA A TRAIÇÃO

Os prejuízos que têm sido causados ao nosso Partido e à luta do nosso povo pelos que traem são incalculáveis.

O trabalho de esclarecimento, de organização e de mobilização feito pelo nosso Partido é extremamente dificultado pelas condições repressivas impostas pelo regime de Salazar. Por isso o estruturar-se uma organização comunista numa empresa, numa terra, numa escola, etc., é normalmente o resultado dum trabalho demorado, dum conjunto de esforços que alcançam os seus objectivos por virtude da sua persistência e convicção e porque correspondem ao espírito de classe do nosso proletariado e à ânsia de liberdade que caracteriza a grande massa do nosso povo.

Mas esse trabalho paciente e demorado pode ser destruído dum golpe pela abjecta traição de algum ou alguns elementos da organização.

Onde traidores denunciam a organização e outros aspectos da actividade do Partido, dá-se forçosamente um recuo na acção partidária que leva por vezes muito tempo a ser recomposto. Há terras onde se deram traições há dez, quinze e mais anos e onde ainda hoje o nosso Partido não conseguiu voltar a estruturar uma organização capaz. Em geral as consequências das traições pesam demoradamente pois actuam não só directamente entre os que são presos e denunciados como indirectamente pelo que representam de indignidade e de perigos.

De há dois anos para cá, as traições que tiveram lugar da parte de militantes do Partido (entre eles muitos membros dos Comités Locais) de Guimarães, Porto, Marinha Grande, Torres Novas, Alpiarça, Couço, Silves, Lagos e Portimão, causaram profundos estragos na organização partidária, prejudicaram grandemente o desenvolvimento orgânico que é necessário ao nosso Partido. Esses traidores que como militantes do Partido deveriam ser elementos de vanguarda da classe operária e exemplos para as massas populares, tornaram-se verdadeiros inimigos da causa por que lutavam, verdadeiros inimigos do povo.

Para lutar intransigentemente contra a traição um dos factores fundamentais é uma reacção sã e geral contra os traidores. É necessário que os traidores sintam profundamente o despreso e o ódio do

nosso povo; é necessário que todos saibam que esse é o prémio que tem a traição.

Para isso tem muita importância que seja divulgado amplamente no Partido e nas massas o que representa tal atitude de indignidade, de cobardia e de prejuízo para o Partido e a luta do povo.

Há ainda organizações do Partido onde não existe uma posição correcta ante esta questão, onde se desculpam as traições e onde se chega até, por motivos bem fúteis, a ameaçar trair! Por outro lado aparecem por vezes camaradas que, geralmente porque uma amizade os ligava mais estreitamente a certos traidores, dificultam o seu desmascaramento chegando até a voltar-se contra o Partido. Tais posições são absolutamente incorrectas e é evidente que com tais camaradas e com tais concepções não é possível fortalecer a organização numa base sã e estável.

Não podemos desculpar, não podemos ter pena, não podemos prestar solidariedade aos que traem, porque é inconcebível que ajudemos os que nos prejudicam. O nosso auxílio não deve ir para os que auxiliam os nossos inimigos mas para os homens e mulheres que em todas as circunstâncias defendem os interesses do Partido e do povo.

É certo que há traições mais abjectas e menos abjectas, que há traidores mais responsáveis e menos responsáveis, mas qualquer traição é sempre um golpe nos interesses do Partido. E embora devamos assinalar principalmente aqueles que, pela sua responsabilidade e pela baixez da sua atitude, provocam maiores prejuízos ao Partido, não devemos desculpar os traidores menos responsáveis, antes os devemos colocar lá onde a sua falta de honestidade e cobardia nos não possa fazer mal.

Entre as traições recentes mais responsáveis e abjectas há que citar as de um funcionário do Partido com trabalho de organização, Eduardo Viana, e duma funcionária que tinha como tarefa a defesa duma instalação, Evelina Diogo.

Eduardo Viana é o responsável directo pela prisão de dezenas de pessoas na região de Coimbra e pela denúncia de outras. Esse traidor causou grandes males à organização do Partido e ao movimento anti-salazarista.

Evelina Diogo não pôde fazer o mesmo porque não



conhecia qualquer organização, mas nem por isso deixou de causar grandes males pela denúncia de instalações que conheceu e dos camaradas que as frequentavam.

Ambos, para lá das denúncias de que são responsáveis, causaram graves prejuízos políticos ao nosso Partido. Por isso é natural que se sintam escorraçados do seio do povo, é natural que o ódio e desprezo deste se tornem pesados para eles.

Mas há outros factores que devemos ter em conta para que a nossa luta contra as traições seja coroada de êxito.

É necessário que em todo o Partido se torne constante o esclarecimento político sobre o papel do Partido, a sua importância na luta do nosso povo, e o que representa o regime fascista com o seu aparelho de terror para manter a exploração e a opressão das massas trabalhadoras.

É necessário que em todo o Partido se torne constante o esclarecimento sobre a necessidade dos comunistas cumprirem o seu dever em todas as frentes, especialmente quando presos e torturados pelo inimigo.

É necessário que para todos os militantes esteja claro o procedimento que devem, que têm de tomar, no caso de serem presos.

É necessário que em todo o Partido seja divulgado o comportamento exemplar de muitos camaradas, desde os mais simples aos mais responsáveis, que têm mostrado claramente que na polícia só fala quem quiser. Tal foi o comportamento de Joaquim Pires Jorge, Octávio Pato, António Dias Lourenço, Carlos Costa, Américo de Sousa, José Magro, Júlio Martins, Augusto Lindolfo, João Honrado, José Bernardino, Colélia Fernandes, Albina Fernandes, Natália David, Silva Marques, Jorge Araújo, só para falar dos militantes que foram presos desde Dezembro e de que não há inconveniente em os citar como comunistas.

Por outro lado é necessário que os organismos mais responsáveis do Partido se debrucem continuamente sobre o conhecimento dos quadros, sobre a educação dos quadros e sobre a sua selecção e promoção.

A apreciação dos quadros, o conhecimento dos homens, não é problema simples e precisa de ser baseada num conhecimento seguro. Contudo, há camaradas que têm uma ideia primitiva a este respeito e que propõem a promoção dos militantes na base de «impressões» ou porque os acham «com boa pinta». São os factos concretos que podem caracterizar os quadros, e os factos concretos analisam-se dando tarefas aos quadros, controlando essas tarefas, acompanhando-os na sua resolução e observando objectivamente a honestidade, a dedicação e o espírito de classe dos quadros.

E não basta o conhecimento dos quadros numa determinada altura, é necessário que esse conhecimento acompanhe a sua evolução. Se um bom tra-

balho do Partido no que respeita à educação dos quadros deve ter uma influência positiva nessa evolução, não devemos esquecer que há outros factores que podem, em certos casos, exercer maior influência, e em sentido oposto.

Particularmente no quadro de funcionários do Partido há que prestar um especial cuidado aos quadros e à sua evolução. É necessário intensificar as discussões políticas com todos os funcionários do Partido e nas casas do Partido, há que trabalhar para que todos os quadros, mesmo os mais simples, se desenvolvam ideologicamente, há que fortalecer a dedicação ao Partido, há que vencer erros e defeitos de modo a elevar os sentimentos de lealdade, de sinceridade, de modéstia, de conduta sã e solidária dos militantes do Partido, há que utilizar cada vez com mais sentido de firmeza e de objectividade uma crítica construtiva e uma auto-crítica sincera.

O fortalecimento do Partido e a luta pelo derrubamento do fascismo exigem que elevemos o nível ideológico dos nossos militantes e lutemos intransigentemente contra a traição.

APELO

DA FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL

(aprovado pelo V Congresso Sindical

Mundial, realizado em Moscovo,

em 4-15 de Dezembro de 1961)

«Trabalhadores de todos os países, militantes de todas as organizações sindicais:

Vós representais uma força imensa e irresistível se estiverdes solidamente unidos, se formardes uma frente comum de luta pelos vossos interesses vitais, pela democracia e o progresso social, pela causa da Paz mundial.

A libertação das cadeias da exploração, a conquista das vossas reivindicações vitais exigem com insistência a união dos esforços da classe operária, o fortalecimento e a maior consolidação possível da sua unidade de acção.

Trabalhadores! Lutai firmemente pela unidade, desmascarai as manobras dos monopólios capitalistas e dos seus agentes que semeiam a divisão nas vossas fileiras. Pondo em comum todas as vossas forças para conquistar o bem-estar, a liberdade e a Paz sobre a Terra, para abrir à humanidade um futuro de prosperidade.

Proletários de todos os países uni-vos!»

SOBRE A LUTA DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

A luta travada pelos estudantes universitários no último período do ano lectivo findo foi sem dúvida a luta das massas estudantis mais importante sob o regime de Salazar.

Para um regime fascista que conta mais de três dezenas e meia de anos, que há perto de 30 anos acabou com a organização sindical livre dos operários industriais e agrícolas, com as associações escolares do ensino secundário, com a liberdade de associação dum modo geral, que criou uma organização fascista para «educar» a juventude — a «Mocidade Portuguesa», — a existência de Associações de Estudantes é como um espinho cravado na carne que elas defendem corajosamente os interesses dos estudantes e marcam, num ambiente de pesado controle fascista, uma posição de certa independência e democracia.

É verdade que há várias escolas superiores (principalmente no Porto mas também em Lisboa) em que a luta ainda não conseguiu impôr associações, é verdade que às direcções eleitas para as Associações existentes têm, para se oficializar, de ser sancionadas pelo ministro, é verdade que a perseguição aos estudantes mais combativos e às associações dum modo geral, é grande e constante, chegando às ameaças e mesmo às prisões e ao encerramento arbitrário de algumas associações.

Mas apesar de tudo isso o movimento associativo dos estudantes universitários portugueses foge muito ao controle do fascismo e desenvolve um conjunto de actividades progressivas que preocupa seriamente o regime fascista de Salazar.

Tal situação é, antes de mais, o produto da acção unida dos estudantes, do seu vivo espírito de rebeldia contra a arbitrariedade e a injustiça, da sua generosidade em defesa das mais elevadas aspirações do homem.

Os estudantes universitários têm dado grandes provas de combatividade e de abnegação na luta geral de todo o nosso povo contra o regime salazarista. Os estudantes universitários, que comportam já cerca de vinte mil jovens, constituem uma força activa do nosso povo de grande importância, força com que devemos contar e que devemos acompanhar e ajudar para mais e melhor conduzir as suas acções em defesa dos seus interesses próprios e em defesa dos interesses gerais do nosso povo e da Nação.

A acção dos estudantes em 1962 representa a agudização duma luta que se vem processando especialmente a partir de 1956, quando o governo salazarista publicou o decreto-lei n.º 40.900, que constituía um verdadeiro assalto aos direitos das Associações de Estudantes.

A reacção enérgica e maciça dos estudantes

obrigou a que tal decreto-lei nunca fosse aplicado. E os estudantes continuaram batendo-se pelos seus direitos associativos, pela criação de Associações em várias Escolas, pela Federação dos Estudantes Universitários de Lisboa, por um Congresso Nacional dos Estudantes e pela União Nacional dos Estudantes.

É a defesa da autonomia das suas associações contra o poder fascista que a quer esmagar, que está na base da valente acção desenvolvida pelos estudantes. A sua luta é, por isso, um aspecto muito importante da luta da juventude portuguesa e de todo o povo pela Liberdade e pelo Progresso, contra as forças obscurantistas e opressoras da reacção, contra o fascismo

A importância da luta e da sua experiência

Ao nosso Partido importa muito analisar a luta dos estudantes para poder extrair dela experiências que permitam dar uma melhor ajuda à juventude estudantil portuguesa e melhorar a nossa influência neste importante sector, alargando a nossa organização e reforçando-a politicamente e ideologicamente.

A grande greve nacional dos estudantes, bem como os comícios, manifestações de rua e outras acções que a acompanharam, constituem uma grande luta anti-fascista que galvanizou com o seu exemplo todo o povo e que rasgou novas perspectivas mais amplas ao movimento democrático dos estudantes. Pela sua repercussão internacional, a greve constituiu também uma grande ajuda ao movimento anti-fascista português, pois mobilizou o apoio dos povos à luta do nosso povo. Só por si, o facto de ser possível manter em luta aberta durante vários meses tantos milhares de estudantes demonstra a maturidade revolucionária da nossa juventude, as tremendas reservas de força de que dispõe o campo anti-fascista nacional e as dificuldades crescentes do governo para impôr a sua lei despótica. A greve e toda a luta estudantil foram mais um passo em frente no caminho que nos conduz com segurança ao levantamento nacional.

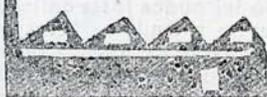
Naturalmente que tal luta teve também deficiências. Aquelas que pensamos terem tido maior relevância são:

- a falta de organismos adequados para dirigir as fases superiores da luta;
- a falta de uma ampla e estruturada organização capaz de unir fortemente as massas;
- o desfazamento entre a orientação traçada para a acção e a disposição das massas.

Vejamos, com algum pormenor, o que pensamos dessas deficiências:

(continua na pág. 6)

a vida das células de empresa



AS EMPRESAS SÃO A BASE DO PARTIDO

Ao dar o balanço à organização do Partido num sector industrial, verificou-se o seguinte:

Na empresa A, existe um secretariado de dois elementos que controla alguns militantes na empresa e outros fora; por outro lado estão ligados dois militantes com um grupo de simpatizantes à sua volta e há ainda na empresa um outro militante isolado. A ligação partidária para a empresa é feita portanto por três vias diferentes.

Mas, a situação é pior ainda na empresa B, uma importante fábrica de mais de 500 operários. Aqui temos: dois militantes jovens ligados a um camarada numa outra fábrica próxima; um militante com dois simpatizantes, actualmente desligados; dois outros simpatizantes ligados a um irmão que é militante do Partido noutra terra; e ainda um militante ligado a um outro camarada!

Estes casos não são únicos e por vezes houve mesmo dificuldade em apurar os efectivos do Partido dentro de cada fábrica porque não se sabia ao certo onde trabalhavam os camaradas e havia uma grande confusão de ligações. Este trabalho defeituoso aparece claramente no balanço da organização: o comité sub-regional deste sector tem sob sua direcção apenas quatro secretariados de célula, embora haja militantes do Partido em 25 empresas; ao mesmo tempo há quatro comités locais que não são verdadeiros comités locais mas organismos intermédios que controlam ligações dispersas. É claro que uma organização destas é politicamente fraca, conduz poucas lutas e não forma quadros.

Como é possível esta anarquia? Isto só é possível porque o nosso

trabalho não tem estado firmemente voltado para as empresas, porque não há uma ideia clara de que o Partido tem que construir sólidas bases de combate dentro de cada empresa se quiser levar à frente a tarefa do levantamento nacional.

Neste comité sub-regional discutem-se longas ordens de trabalhos mas não se tem dado uma ajuda detalhada aos camaradas. Se este comité sub-regional passar a discutir em cada uma das suas reuniões uma ou duas fábricas e se fizer essa discussão « de alto a baixo » (situação dos trabalhadores, lutas reivindicativas e políticas dentro da fábrica, funcionamento ou criação do secretariado de célula e núcleos, difusão da imprensa, recolha de fundos, etc.) — os camaradas deste sector conseguirão com certeza avançar na estruturação do Partido dentro das empresas, corrigindo os defeitos da sua organização.

RECRUTEMOS

Recrutar novos aderentes ao Partido, novos militantes que juntamente com os actuais venham levar para diante a luta é tarefa actual e de todos os tempos. O Partido está a fazê-lo? Cada militante do Partido está a esforçar-se por trazer outro?

Sim, está a fazer-se mas pouco e não por toda a parte, não em todos os sectores. Continua a haver hesitações para a abordagem dos homens e mulheres que nos rodeiam no trabalho, no prédio em que vivemos, na colectividade que frequentamos.

Há muitos simpatizantes do Partido que ficam eternamente nessa categoria por falta nossa. Nós não os ajudamos. Só nos interessa a ajuda económica que nos dão de tempos a tempos e não os ajudamos a compreender a posição política do Partido, o que é o levantamento nacional, qual o papel dos trabalhadores, para que serve e por que é indispensável a Unidade de acção à escala de empresa como à escala nacional.

É por isso que algumas vezes esses simpatizantes se perdem com a mudança de trabalho e que outras vezes eles se convencem que nós não somos do Partido e ficam à espera que o Partido lhes apareça.

Recentemente passaram-se dois casos que mostram o mau trabalho de alguns militantes no campo do re-

A CÉLULA E A LUTA REIVINDICATIVA

Os membros da célula devem propôr aos outros trabalhadores a formação duma comissão de Unidade com os operários de maior prestígio, mais conceituados entre os seus companheiros de trabalho, mais sérios e combativos, não olhando às suas convicções políticas ou crenças religiosas. Esta comissão deve ser a expressão da unidade da classe operária no âmbito da empresa e por isso deve ser democraticamente eleita pelos trabalhadores.

Sempre que possível os trabalhadores devem impô-la ao patronato como uma Comissão Permanente. Ela deve ir junto dos patrões reclamar que as horas extraordinárias sejam pagas a dobrar. Para que essa comissão possa ter bom êxito é necessário que seja apoiada pela maioria dos trabalhadores da empresa, mesmo por todos os trabalhadores da empresa, que não represente o gesto isolado de 3 ou 4 camaradas, mas seja, sim, uma acção apoiada pelos trabalhadores.

RA O PARTIDO

crutamento. Quando dissémos a um camarada que tínhamos recrutado um seu sobrinho que trabalha diariamente com ele, sorriu-se, contente, «Fizeram muito bem! E um bom rapaz e esperto! Estou satisfeito com isso!» Mas porque não o recrutaste tu? «Nunca me veio à ideia e no entanto ele sempre falou dos que lutam com admiração». No segundo caso, insistíamos com um camarada para que acesse a ir ligar outro, seu colega de trabalho. Que não, que não queria ser conhecido de mais ninguém. Só ao fim de muita discussão aceitou. «Bom, diz lá então quem é, que vou ligá-lo». «É fulano», dissémos. E logo o camarada a rir: «Ora bolas, com esse é fácil. Estou com ele todos os dias e falamos muito abertamente das nossas simpatias políticas». E porque não o recrutaste? «Sabes, ele tem a vida muito ocupada; pouco poderia fazer!»

Estes dois casos não são únicos. Perde-se assim muita gente que seia por encontrar o Partido. No primeiro caso perdíamos um jovem que rejuvenesceu bastante o seu sector; no segundo, perdíamos um ponto de apoio onde passou a reunir o organismo do sector.

Abraços pois os olhos à nossa volta. Atentemos nos jovens, nos homens e mulheres honrados, sempre prontos a defender os mais fracos, que mostrem sentimento de classe contra o capitalismo ou sentimento democrático contra o fascismo. Abordemo-los, conversemos, entreguemos-lhes imprensa, forjemos uma simpatia para com o Partido e trabalhem-los para os podermos recrutar. E quando os virmos na fábrica, no barco, na praça de jorna, na escola, no sindicato, integrados em comissões reivindicativas, conscientes, firmes, não hesitemos: ali deve estar já um simpatizante. Procuremo-lo, falemos com ele e rapidamente poderemos recrutar, pois se são os homens honrados que nos interessa trazer ao Partido, é urgente trazer, de entre os honrados, os mais combativos. Assim reforçaremos o Partido e lhe daremos aquela forma agüerrida de que ele necessita.

O secretariado de célula deve reunir

Na fábrica C trabalham mais de 1.000 operários, sujeitos a uma exploração desenfreada: além dos baixos salários e dum trabalho pesado, têm ainda os descontos e multas, os roubos nos subsídios, etc. O ambiente na fábrica é de descontentamento e revolta.

O Partido está presente dentro desta fábrica; existem perto de 20 militantes e uns 30 simpatizantes e todos os meses são distribuídos 60 «Avantes». É uma pequena organização entre mil operários, sem dúvida; mas o nosso problema maior não é o de sermos poucos mas o de termos uma organização que não reune. Entre estes vinte camaradas não conseguimos ainda formar um secretariado de célula para dirigir a organização do Partido na fábrica!

Como vive aqui o Partido? O camarada responsável da célula tem encontros na rua individuais com alguns camaradas a quem dá a imprensa e com quem discute rapidamente um ou outro problema; estes camaradas, por sua vez, distribuem a imprensa nas suas secções aos militantes e simpatizantes, quando calha. Nem uma única reunião!

Os nossos camaradas queixam-se da falta de casas para reunir. Mas será possível que destes 50 comunistas nenhum tenha uma casa que esteja disposto a ceder para reunir o secretariado da célula? Nem haverá mesmo nenhum outro trabalhador de confiança, pessoa de família, etc, disposta a ceder a sua casa? Não haverá sequer um barracão ou um armazém que se possa aproveitar? Mesmo as reuniões no campo, em último caso, não são de pôr de lado: um passeio organizado a um domingo para um sítio seguro pode proporcionar uma boa reunião.

A verdade é que os nossos camaradas da Fábrica C, como tantos outros, não estão convencidos da importância que tem a reunião da célula e habituaram-se à rotina de passar a imprensa.

Os nossos camaradas costumam

dizer que os operários daqui são «inconscientes» e que se houvesse alguns «homens capazes» podia fazer-se muita coisa. É preciso que os nossos camaradas compreendam que a classe operária não pode lutar se não tiver uma direcção política que a oriente. E para o Partido Comunista orientar a classe operária não basta a publicação da imprensa; é preciso que o Partido esteja presente como organização dentro de cada empresa.

A célula de empresa é a direcção política dos operários de cada empresa; para que essa direcção política funcione é preciso que o secretariado de célula reúna regularmente e discuta o trabalho do Partido; só assim ele será o estado-maior dos trabalhadores de cada empresa.

Defendamos o nosso trabalho!

Um camarada do Secretariado de uma importante empresa passou duas credenciais para outro sector. Escritos na credencial iam os nomes próprios dos camaradas credenciados, as moradas completas, perguntas e respostas a fazer e a dar. Estas credenciais passaram pela mão de outros camaradas que não se aperceberam do tremendo perigo que representavam.

Este mesmo camarada trazia consigo um apontamento sobre fundos do Partido com pseudónimos e outros dados, que lhe entregara um camarada da sua secção. Este apontamento era do tamanho duma folha de papel almaço.

Camaradas! Para que o Partido desenvolva a sua organização dentro das empresas é preciso que saibamos defender cuidadosamente da polícia a nossa actividade!

SOBRE A LUTA DOS ESTUDANTES

(continuação da pág. 3)

Para formas superiores de luta são necessários organismos ilegais de direcção

A luta estudantil agudizou-se com a proibição do Dia do Estudante, comemoração já tradicional organizada pelas Associações dos Estudantes. É natural, e foi correcto, que então as Associações encabeçassem a acção que se travou para vencer a arbitrariedade ministerial e impôr o Dia do Estudante.

Depois dessa primeira importante vitória, de novo o ministro proíbe a comemoração e de novo, igualmente, a luta se agudiza e as Associações tiveram de vir a terreiro defender justamente os interesses dos estudantes e do seu movimento associativo.

Através de plenários e de outras reuniões, os dirigentes associativos procuraram, e bem, auscultar os estudantes para traçar a linha da sua conduta.

Entretanto, para a massa dos estudantes, ia-se tornando claro que a decisão arbitrária do ministro não tinha por fim simplesmente a proibição da comemoração do Dia do Estudante mas um ataque manhoso e brutal à autonomia do movimento associativo.

Isso fazia prever, e concretizou-se depois, que os estudantes teriam de recorrer a outras formas de acção, a formas de acção que não se limitassem a conversações mas que pusessem a claro a vontade maciça e firme dos estudantes de defender os seus interesses.

Mas a direcção da luta mantinha-se, e manteve-se, nas mãos dos dirigentes das Associações, organismos legais, que não podiam deixar de ter limitações, num regime fascista, em dar certas palavras de ordem, em dirigir uma luta que tinha de tomar formas superiores que chegassem às manifestações de rua e à greve. Porque aconteceu isto?

Porque o hábito da utilização com êxito dos meios legais alimentou ao longo dos anos em muitos estudantes ilusões quanto à capacidade dos meios legais para conduzir a luta, levando-os a desprezar as formas ilegais de actuação e de organização, que em certas circunstâncias são decisivas.

O que era então necessário?

Era necessário que as Associações de Estudantes continuassem a encabeçar as acções de carácter legal que se processavam, que dessem a essas acções a maior amplitude e firmeza possível, porque as massas estudantis apoiavam com vivacidade a luta, mas era necessário também que se criassem os organismos ilegais adequados para dirigir a acção nos aspectos em que os dirigentes académicos já não podiam ou deviam dirigir.

A existência duma direcção ilegal não se chocaria com a direcção legal dos dirigentes associativos desde que se criassem formas correctas de ligação entre a

direcção legal, que pode comportar todos os aspectos da luta, e a direcção ilegal, que só pode comportar os aspectos legais da acção.

Para uma acção firme é necessário uma organização forte

Esses organismos ilegais deveriam ser constituídos em todas as Escolas, nos diversos anos e cursos, e unificados em cada uma das cidades universitárias e até mesmo coordenados à escala nacional.

Esses organismos ilegais deveriam ser constituídos por estudantes combativos e com prestígio e influência nas massas dos estudantes. Tais organismos deveriam estar profundamente ligados às massas, de modo a saber interpretar bem as suas aspirações e as suas disposições e capazes de encabeçar e dirigir as acções mais firmes.

E não haveria já constituídos tais organismos ilegais? Não existiam já as Juntas de Acção Patriótica em várias Escolas?

Sim, havia já Juntas de Acção Patriótica em várias Escolas e elas poderiam ter sido esses organismos ilegais necessários para a condução da luta. Se o não foram foi porque não foi compreendida a necessidade duma direcção efectiva ilegal e duma forte organização, ou porque a sua composição, a sua apatia, ou a sua desligação das massas, lhe não conferiam nem o prestígio nem a audição capaz de lhe permitir encabeçar a acção.

Embora os organismos ilegais para dirigir a luta pudessem inicialmente não ser as Juntas (devido às suas deficiências), no decorrer da luta poderiam e deveriam ter-se alargado às Juntas já existentes, poderiam e deveriam ter-se criado Juntas em outras Escolas e nos diversos anos e cursos e Juntas que coordenassem a acção superiormente. Tais organismos teriam tido um papel determinante na acção dos estudantes.

Qualquer luta só toma vigor e engrandece-se na medida em que assenta numa larga unidade das massas. A experiência mostrou que a unidade entre os estudantes se obtém pela realização das grandes assembleias e reuniões onde os seus problemas são amplamente debatidos permitindo criar uma sólida confluência de pontos de vista, galvanizando os elementos mais débeis, e ligando todos a uma linha de actuação decidida em comum.

Mas é necessário, além disso, uma organização capaz, capaz e adequada ao tipo de acção. Uma acção como a que os estudantes conduziram exigia uma organização ilegal, ampla e bem estruturada.

«Avançar quando é possível avançar

e recuar quando é necessário recuar

Já vimos que o facto dos dirigentes associativos

terem tido a responsabilidade de direcção da luta em todos os seus aspectos criou grandes dificuldades e foi um factor que impediu o seu maior desenvolvimento. É compreensível a sua hesitação em tomar uma direcção que comportava acções mais enérgicas mas isso não elimina as deficiências grandes que se verificaram no que respeita ao acompanhamento e aproveitamento da disposição de luta das massas estudantis.

Porque não tinham em conta a disposição das massas ou porque faziam prevalecer os seus receios de acções mais vigorosas, certos dirigentes associativos tiveram responsabilidade no adiamento de assembleias, na anulação de manifestações, numa passividade incompreensível ante certos aspectos repressivos e na errada e insistente ideia de entregar a direcção do movimento aos professores.

A preocupação exagerada do «civismo», por um lado criou ilusões em muitos estudantes que se agarravam aos caminhos mais fáceis e menos firmes, e por outro lado, aos que mais claramente viam a necessidade de outras acções, fez perder a confiança na direcção.

Também o receio de quebrar a unidade, surgido em alguns passos da luta, contribuiu para que o movimento não avançasse. A preocupação da unidade é uma preocupação justa e de muita importância, em particular num meio que tem certas características de heterogeneidade e que sofre, através de alguns dos seus elementos, uma influência directa da reacção. Mas é necessário ter sempre em conta que não podemos ter receio de quebrar a «unidade» com os que nada querem fazer quando tal tipo de unidade afasta a grande massa que quer actuar. Por outras palavras, a unidade só pode ser uma unidade actuante, e toda a concepção de unidade que não toma isto em consideração conduz à paralisação da luta e à **quebra efectiva da unidade.**

Tudo isto são exemplos que demonstram desvios entre a vontade das massas e uma direcção hesitante que não soube dar uma orientação de acordo com a viva disposição dos estudantes.

Com o prolongamento da acção e os choques entre os que queriam levar por diante a luta em novas formas e os que se tinham habituado a hesitar e a esperar a solução das conversações, criaram-se dificuldades e no final do movimento, quando os primeiros conseguiram impôr a greve aos exames já tal palavra de ordem dificilmente correspondia às possibilidades concretas existentes. Os salazaristas sabiam bem que no final do ano lectivo os estudantes se afastam e por isso só com uma direcção ilegal, que não existia, só com uma poderosa organização, que não fora construída, seria possível manter uma unidade capaz de levar por diante uma palavra de ordem de tal gravidade.

Sobre a organização do Partido

Estas considerações sobre a luta estudantil interessam em particular aos universitários comunistas, que tiveram um papel muito importante em toda essa heróica luta da juventude portuguesa. Mas na sua actuação como organização partidária independente, há outras deficiências que interessa apontar.

Em primeiro lugar a **organização do Partido é um todo que tem de trabalhar colectivamente.** Para isso é necessário que os organismos partidários reunam regularmente, discutam a situação concreta e traçam a orientação adequada a cada situação. Em muitos casos isso não sucedeu.

Em segundo lugar a **organização do Partido é um todo que tem de trabalhar disciplinadamente.** Para isso é necessário, após a discussão e assentes as resoluções, que todos os camaradas actuem de harmonia com elas. A disciplina partidária, como é evidente, não se aplica só quando estamos de acordo com as resoluções mas em todos os casos. A esse respeito muitos casos deficientes podiam assinalar-se.

Em terceiro lugar **é pela organização do Partido que principalmente devemos fazer chegar a nossa influência às massas, é principalmente através dela que defendemos o que consideramos ser os mais justos interesses dos estudantes.**

Se se tivesse tido a preocupação de pôr toda a organização a actuar, de a fazer trabalhar colectiva e disciplinadamente, sem dúvida que algumas deficiências que se revelaram na luta não teriam tido lugar e a contribuição da organização partidária teria sido mais positiva.

No decorrer da luta bastantes camaradas mostraram ainda não ter compreendido bem o papel de direcção política do Partido, o que os levou a procurar a orientação dos dirigentes académicos antes de procurarem a orientação do Partido e a não lutarem com a necessária tenacidade pela aplicação da linha do Partido.

Em relação à nossa organização entre os estudantes, que tem muitos aspectos de que nos devemos orgulhar, há que concluir que não basta fazer recrutamento, que é preciso elevar o nível político e ideológico dos camaradas, educá-los para que ganhem consciência de militantes e essa educação faz-se por meio duma discussão teórica destas questões, mas principalmente por meio duma actuação correcta, marxista-leninista.

Actualmente, quando o fascismo prossegue por todos os meios a ofensiva contra os direitos dos estudantes, é essencial que a organização do Partido tome audaciosamente a vanguarda da luta, actuando com decisão, disciplina e em estreita ligação com as massas estudantis.

Pelo êxito da campanha dos mil contos

Desde 1 de Outubro que decorre a grande campanha de fundos do nosso Partido POR MIL CONTOS. Elaborado o plano geral, cada Direcção Regional elaborou o seu, discutindo-o com as várias organizações a seu controle, distribuindo esforços por todos os organismos, de acordo com o número dos seus militantes e com a sua influência entre as massas. Cada um destes organismos e comités do Partido deverá ter feito idêntico plano em relação aos organismos que controla, de forma a que todo o Partido seja chamado a viver e a tomar parte nesta grande tarefa.

Muitos militantes do Partido resolveram já dar uma contribuição extraordinária. São disso exemplo os nossos militantes operários que resolveram entregar para a campanha o salário de um dia ou o pagamento de horas extraordinárias; são disso exemplo aqueles camaradas operários agrícolas que, suportando uma vida de privações, não deixam mesmo assim de pôr de lado algum dinheiro para a campanha; a mesma compreensão mostram os camaradas intelectuais que decidiram tomar conta de um trabalho e entregar a receita ao Partido. Devemos alargar em todo o Partido, do topo à base, este movimento de compreensão e entusiasmo, levando cada militante a dar a sua contribuição especial.

Ao mesmo tempo, desenvolvem-se já iniciativas em vários sectores: organização de rifas e festas; venda de objectos valiosos; abordagem a anti-fascistas; distribuição ampla de listas de subscrição e cupons; etc. Alguns organismos tomaram já a medida de destacar certos militantes só para a tarefa da recolha de fundos e dessa forma conseguem dar mais actividade às tarefas da campanha.

É muito importante que as Direcções Regionais façam no fim de cada mês o balanço da campanha, comparando os resultados obtidos com as estimativas; assim poderão sempre corrigir cálculos e ver as medidas a tomar para levar a bom termo os seus compromissos. Só uma discussão constante ao longo destes cinco meses permitirá dar consciência a todos os militantes da importância da tarefa.

Ac estabelecer as metas que se propõe alcançar, cada organismo do Partido deve ter bem presentes as favoráveis condições políticas que hoje vivemos e que tornam possível ao Partido encarar a tarefa de recolher MIL CONTOS apenas no prazo de 5 meses.

O nosso povo, que sempre respeitou o Partido de Bento Gonçalves como o Partido dos mártires da liberdade, ganhou ainda uma maior simpatia pela luta dos comunistas depois das gloriosas jornadas do 31 de Janeiro e do 1.º de Maio vê hoje no Partido Comunista o motor da Revolução em marcha.

Daí, um apoio popular cada vez maior ao Partido da classe operária portuguesa, o que nos deve dar uma ampla perspectiva no trabalho de recolha de fundos.

A campanha dos mil contos ajuda a defesa e a organização do Partido

Nó momento em que ORGANIZAR e DEFENDER é a grande tarefa de todo o Partido, a campanha dos mil contos ganha ainda maior significado. A campanha dos mil contos fornece uma nova possibilidade de conhecermos os homens e mulheres que nos rodeiam, de nos aproximarmos deles e de recrutarmos os melhores. Durante 5 meses serão os fundos do Partido a ganhar mas será também a organização do Partido a reforçar-se com a adesão de novos membros e com uma maior ligação com as massas.

Esta ligação com as massas, vital em todos os aspectos da actividade de um partido comunista, mais o é num Partido como o nosso, clandestino, perseguido ferozmente por uma polícia cruel que tem à sua disposição todos os recursos e uma rede enorme de «bufos» e colaboradores. Também aqui a aproximação de massas que a campanha dos MIL CONTOS permite será muito útil, possibilitando-nos um melhor conhecimento do meio em que vivemos ou trabalhamos e uma recolha de informações preciosas para a defesa do Partido. Além disso, e não é o menos importante, esta defesa será imediatamente reforçada com a ajuda económica que a campanha fornecerá, pois o Partido ficará com maiores possibilidades financeiras para a defesa dos seus quadros, das suas instalações legais, para a sua movimentação orgânica, para a melhoria da sua imprensa e o alargamento da sua distribuição, etc.

Cumprir e ultrapassar a campanha!

Os militantes do Partido sabem que a grande verba que são os mil contos em 5 meses não é ainda todo o dinheiro de que o Partido necessita. Daí que em alguns organismos se tenha desde já assente cumprir o seu plano em menos tempo, de forma a poder ultrapassá-lo, e se tenha gerado nesse sentido em toda a organização uma sã emulação para ver qual o sector que será o primeiro a alcançar a sua verba estipulada e depois qual aquele que mais a ultrapassará.

Além disso, certos organismos vão esforçar-se por conservar as contribuições após os 5 meses ao nível adquirido durante a campanha, exemplo que deveria ser seguido por toda a organização, pois permitiria ampliar muito a actividade do Partido.

Como em campanhas anteriores, o nosso Partido poderá conhecer com a dos MIL CONTOS um grande êxito se nos lançarmos esforçadamente à realização desta tarefa. Esse êxito, sendo um sucesso do ponto de vista financeiro, sê-lo-á também do ponto de vista político pela prova que dará da força e da influência do Partido entre as massas e terá ao mesmo tempo reflexos positivos na organização e na defesa do Partido.